

Marçal Aquino. *Baixo Esplendor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 259p.
ISBN: 978-65-5921-029-9

O retorno de Marçal Aquino à novela de inspiração policial faz jus ao seu título: baixo, porque retrata o submundo de uma grande cidade brasileira em plena ditadura, em que policiais e criminosos se confundem, se misturam e se infiltram uns no meio de outros; e esplendor pela qualidade da narrativa. As linhas gerais da trama são simples: um policial se faz passar por criminoso para desmontar uma quadrilha de ladrões de carga. Ele acaba se envolvendo sexual e emocionalmente com a irmã do chefe do bando, o que lhe trará consequências como profissional e como homem.

Distanciando-se da linha de narrativa policial à inglesa em que importam mais o raciocínio lógico e a busca de evidências para resolver o quebra-cabeças, aqui temos uma dura realidade latina, em que o raciocínio é frequentemente entorpecido por drogas de variados tipos ou pelo sexo, e a descoberta de evidências acaba sendo um truncado jogo de revelar e esconder que começa antes dos fatos mostrados e termina depois do ponto final. O fato de nunca sabermos o nome real da personagem principal é um bom exemplo. Temos seu codinome para esta operação, que é Miguel, e o nome verdadeiro é comentado em algumas cenas, mas não temos acesso a ele. Sabemos apenas que o nome parece não combinar com o infiltrado, mas isso é a opinião de uma mulher apaixonada.

Aos poucos o leitor vai sabendo detalhes sobre as relações passadas e presentes de Miguel, em ordem não cronológica. A narrativa avança ou retorna conforme a necessidade de iluminar alguma passagem mais obscura, de mostrar um outro ângulo de um fato relevante, ou de confundir e desviar a atenção do leitor. E nisso Marçal Aquino se sai muito bem. Um dos imperativos do gênero é manter a atenção e a curiosidade do leitor, criando esse jogo de adiar e prometer, de sugerir

desenvolvimentos possíveis que por vezes se concretizam e por vezes se perdem na fumaça.

A novela está dividida em três partes: suor, sêmen e sangue. A parte central, sêmen, é significativamente maior que as outras, ocupando cerca de dois terços do texto. A primeira parte serve para montar o cenário, preparar as peças no tabuleiro, e a terceira consiste de apenas 30 páginas para finalizar. Na segunda parte, fala-se de paixão, ambição e confiança, que são temas centrais na obra.

Miguel tem uma noção de ética internalizada, não compactuando com as brutalidades arbitrarias do sistema, embora não possa fazer muita coisa para mudar a situação. As coisas começam a ficar mais difíceis para ele quando a personagem se confunde com o homem cujo nome não sabemos. A paixão pela deslumbrante Nádía é óbvia e intensa, e até o delegado Olsen sabe dos riscos. Algumas das cenas de mais alta tensão erótica estão nos encontros entre Miguel e Nádía. Parece ser a primeira vez na vida de Miguel em que ele realmente sente algo assim, que vai além do desejo e da curiosidade comuns. E esse elemento de sofrimento passional rende excelentes páginas e uma bela frase de Marçal Aquino: “Parecia que alguém tinha desinventado a alegria”.

Além da paixão, Miguel chega a ficar amigo e confidente de Ingo, irmão de Nádía e chefe do bando. Desenvolve um certo respeito por ele, principalmente depois de ser recebido como parte da família. Trair alguém fica mais difícil conforme se sabe mais sobre a pessoa e se sente mais empatia por ela. Sua missão como infiltrado está em risco, e as resoluções podem não ser o que todos esperam.

A ambientação nos anos de chumbo é objetiva e de certa forma discreta. Uma rara menção mais explícita se dá quando Miguel comenta: “É uma classe oprimida pelo sistema, doutor”, e o delegado Olsen prontamente responde: “Deixa os gorilas descobrirem que você pensa esse tipo de coisa”. Eles mudam de assunto porque os gorilas em questão estão chegando, mas Miguel volta à carga em seguida ao ler no jornal que um dos criminosos estava sendo interrogado: “*Interrogado*. Essa é boa. Eu vi o cara, dr. Olsen, todo arrebitado”. A violência institucionalizada confunde-se com a violência de um meio em que está naturalizada, em que a vida humana tem pouco valor. Os criminosos estão interessados em sexo, dinheiro e pólvora, variando a ordem de acordo com as preferências individuais, e os policiais não têm interesses muito

diferentes. Por estarem comprometidos com a institucionalidade, acabam tendo uma posição mais ambígua. Estão a serviço da proteção de uma ordem social que em si é opressora, excludente e brutal, e que está em um de seus piores momentos na história recente do país. Por outro lado, têm famílias para cuidar e querem manter a paz nas ruas e bairros em que moram. Miguel é inclusive filho de um policial famoso, que mesmo velho acaba ainda tendo uns momentos de aventura no meio da trama.

Um curioso elemento típico dos anos 80 aparece de modo anacrônico, mas interessante na narrativa: a apresentadora sexy de programas infantis. Karina, ou Kaká Karamelo, é irmã do informante de Miguel, e ele presta um grande favor a ela recuperando fotos eróticas que podiam abalar sua carreira. Ocorre uma relação incerta entre um cuidado paternal e um desejo encorajado pela própria jovem, o que rende cenas que vêm acrescentar novos tons à narrativa, certas nuances. Outra personagem secundária interessante é o filho de uma ex-namorada a quem Miguel se afeioou, e em um ritual típico dos machinhos dos anos 70, leva a um prostíbulo, mas os interesses do garoto são diferentes do que Miguel esperava. Algum tempo depois encontramos o garoto travestido e feliz ao encontrar Miguel e Nádía por acaso em uma rua suspeita.

As relações de lealdade e confiança são fundamentais no meio em que Miguel se infiltra. E com elas, vêm a inveja e o ciúme. Elvis é a personagem que encarna bem todas essas nuances: ex-policial convertido ao crime, chegou a ser preso, mas manteve-se fiel a Ingo, não denunciando ninguém na cadeia. Ao sair, esperava recuperar o posto de braço direito do líder, mas esse lugar já estava ocupado por Moraes, e depois por Miguel. O fato de Elvis também ter sido amante de Nádía é o estopim para o ódio que ele nutre pelo policial e para uma crescente tensão que se desenvolve durante vários capítulos.

Acrescentando a uma já sólida tradição brasileira de novelas policiais, que conta com nomes de peso como Luiz Alfredo Garcia-Roza, Rubem Fonseca, Marcos Rey, entre outros, Marçal Aquino é bem sucedido neste retorno que veio 15 anos após o excelente *Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios*. Que não leve tanto tempo para podermos usufruir de um novo livro como este.

Alan Noronha
doutorando no PPGLet/ UFRGS
email: alannoronha@yahoo.com.br